



ONDE ESTÃO OS SINAIS?

Henrique Olival Costa *

A correta leitura dos eventos ocorridos e a conseqüente compreensão do porvir são algumas das qualidades mais vitais encontradas no ser humano. A suposta previsibilidade, inerente à evolução dos fatos, propõe uma ligação estreita entre passado, futuro e presente, como se os mecanismos sub-reptícios da Natureza pudessem, ao serem lidos, indicar seus próximos passos.

Esta crença na previsão de eventos tem pautado a atividade dos que se interessam em estudar e ajudar os seus semelhantes, desde a época de Newton e Laplace, quando o “deus-engenheiro” pautava a filosofia mecanicista do Universo.

O “Universo-máquina” cria o “homem-autômato” que passa a ser o Homem a ser compreendido.

* Professor assistente doutor da Faculdade de Fonoaudiologia e do PEPG em Fonoaudiologia da PUC-SP. Professor adjunto e chefe do Setor de Laringologia do Departamento de Otorrinolaringologia da Irmandade de Misericórdia da Santa Casa de São Paulo.

As palavras de Laplace (in Dupuy, 1994) são significativas quanto a essa tendência:

Uma inteligência que, para um dado instante, conhecesse todas as forças de que está animada a Natureza, e a situação respectiva dos seres que a compõem e se, além disso, essa inteligência fosse ampla o suficiente para submeter esses dados à análise, ela abarcaria na mesma forma os movimentos dos maiores corpos do Universo e o mais leve átomo: nada seria incerto para ela, e tanto o futuro como o passado estariam presentes...

Muitas vezes encontramos relatos de pessoas capazes de ler as entrelinhas dos caprichos da Natureza: sertanejos que prevêm chuva no Nordeste, pescadores com faro de tempestade nos Açores, e mesmo os populares “leitores” de movimentos sociais, políticos e econômicos nas telinhas da TV. Nossos telejornais diários são exemplos de nossa sanha por videntes que não tenham apelo religioso ou sobrenatural, mas sim projetem suas visões a partir do apelo secular da experiência e vivência pessoais.

Todos, por alguma razão, apegam-se a sinais, nem sempre ortodoxos ou habituais, mas que de alguma maneira podem ter significado preciso ou um vínculo “seguro” com os eventos futuros (Jupiassu, 1999).

Na nossa prática clínica, na procura de pistas que norteiem os passos a serem dados, atiramo-nos à cata de informações confiáveis, que representem o estado do indivíduo que procura ajuda.

Para tanto, temos uma gama de possibilidades a escolher. Dentre elas a mensuração instrumental, que vem evoluindo desde o astrolábio e o telescópio e que, ao se voltar para o ser humano, atinge o seu zênite na capacidade de “enxergar” dentro do corpo humano à procura do significado de suas relações moleculares.

Hoje podemos visualizar as ondas elétricas neurais, que nos ensinam como trafegam as ondas sonoras da audição, seguir a distribuição de hemoglobina pelos órgãos parenquimatosos, mensurar a quantidade desta ou daquela substância que se acumula neste ou naquele setor corporal, perceber as diminutas vibrações da mucosa das pregas vocais em nossa sanha por falar e, quem sabe, o que mais virá?

A Medicina se une a outras disciplinas e áreas de interesse do Homem e exclama, maravilhada: “Matamos a charada! Podemos descrever pormenorizada-mente cada uma das atividades orgânicas. Em pouco tempo a receita para a construção de um homem, no papel, estará desenvolvida!”. Será?

Quando pensamos nessa evolução, questionamos se, após tantas décadas de desenvolvimento científico, alcançamos a habilidade de perscrutar o ser humano de maneira a conhecê-lo fielmente e poder oferecer-lhe ajuda (Horgan, 1998).

Bachelar, ao ser perguntado, em uma espirituosa entrevista oferecida ao jornal *Le Monde*, anos atrás, se sua experiência filosófica fornecia informações suficientes para desenhar a natureza humana, respondeu que entendia ser o Homem semelhante a uma casa de três andares: o andar de convívio, onde a maioria das tarefas diárias é consumada e que expressa a face trivial do morador; o porão, onde se encontram as ferramentas e instrumentos para suas atividades mais modificadoras e empreendedoras, mas que raramente é visitado na rotina diária e, finalmente, o sótão, onde estão guardadas as lembranças, desejos recônditos e expectativas, e que só recebe o morador em seus momentos de introspecção. É sua imagem no espelho, construída em pequenos fragmentos de memória.

Encarando o ser humano desta maneira, percebemos nitidamente que temos tocado muito pouco e, apenas, o andar de convívio, deixando de lado os demais.

A questão do instrumentalismo científico e sua conseqüente repercussão nas ciências da Saúde podem ter suas disputas neste pensamento de casa de três andares. O quanto representa a mensuração de um sinal nesse grande *iceberg* imerso em águas profundas que é o ser humano?

Ao lermos as idéias de Damazio, passamos a refletir sobre o assunto de um ponto de vista menos universal e nos pegamos em uma cilada filosófica: conseguiria a agulha que marca o eletrocardiograma captar o júbilo ou o ressentimento do indivíduo perante sua atividade elétrica cardíaca?

Nas palavras de Damazio (1999): “Não importa se experimentado ou observado, *pathos* é um subproduto da consciência, assim como o desejo”. Para ele, tudo depende da vivência e, portanto, da conscientização quer do observado, quer do observador. Neste ponto, o autor define o que considera objeto e o que pensa ser imagem.

Por objeto quero dizer entidades tão diversas quanto pessoa, lugar, melodia, dor de dente...; por imagem quero dizer um padrão mental de qualquer modalidade sensorial, por exemplo, imagem sonora, tátil ou de bem-estar. Estas imagens compreendem aspectos das características físicas do objeto e podem também traduzir a reação de gostar ou não, aos planos que alguém pode formular para ele, ou a teia de relações que o objeto estabelece no meio de outros.

O homem se torna presente e o instrumento não é mais uma ferramenta que trabalha, objetiva, sob sua vontade. No real, muitas vezes o instrumento pode cumprir vontades e expressar a subjetividade do próprio criador.

Na antiga Grécia, Protágoras insistia que “O homem é a medida de todas as coisas”, estabelecendo os princípios do humanismo e relativismo (Morin, 1987). Não queremos pleitear um lugar supremo ao subjetivismo na investigação ou diagnóstico clínico, apenas orquestrar um pequeno motim informal da ditadura imposta pelos resultados da mensuração instrumental *vis-a-vis* da impressão clínica.

Chegado o momento de fechar as contas do que foi investido na Saúde e em que conseguimos chegar, apercebemo-nos de que a Revolução Científica que desembocou no positivismo nos ofereceu uma enorme e magnífica capacidade de compilação de dados orgânicos, quantificando nossas ações e economia interna. Entretanto, tem se mostrado frágil na apreensão da maioria dos aspectos que representam o “ser” humano (Prigogine, 1997; Ruelle, 1993).

Koyre (in Jupiassu), em seus *Etudes newtoniennes*, refere-se ao positivismo dizendo:

Ela (ciência moderna) fez isso substituindo nosso mundo das qualidades e de percepções sensíveis, mundo no qual vivemos, amamos e morremos, por um outro mundo de quantidade, de geometria deificada, mundo no qual, embora haja lugar para toda coisa, não há lugar para o homem. Assim, o mundo da ciência – o mundo real – afastou-se e separou-se inteiramente do mundo da vida, que a ciência foi incapaz de explicar – mesmo uma explicação dissolvente que dela faria uma aparência “subjetiva” (...). É nisto que consiste a tragédia do espírito moderno que “resolve o enigma do Universo, mas somente para substituí-lo por um outro: o enigma de si mesmo”.

Serres, em seu *A lenda dos anjos* (1995), comenta o papel do intermediário no tráfico de informações. Considero pertinentes suas colocações no momento em que desejamos compreender o real papel da instrumentação e mensuração dos atributos humanos pela máquina.

Em sua meditação sobre o intermediário usa a metáfora do vitral:

Humilde, fiel, a vidraça deixa passar os raios do dia... ou o desenho trabalhado, as cores, a beleza do vitral mudam, como um prisma, a luz branca do Sol no espectro exposto de sua secreta composição. O tema tratado no vitral evoca a mesma questão do intermediário: muito brilhante, pode interceptar a mensagem; discreto, impede que seja ouvida. Deve aparecer ou desaparecer?

Todo instrumento tem seu tutor, seu criador, com seus pontos de vista, seus credos e conceitos pessoais. Até quanto o instrumento se presta por vidraça? Quanto da mensagem proveniente do sujeito estudado vem dele, sujeito, e quanto da informação é gerada ou obstruída pelo mecanismo instrumental. Serres ainda comenta, “o representante pode fazer-se passar pela autoridade que o investiu”. Seria o instrumento a imagem do observado ou de seu criador/observador?

Olhando para trás nos surpreendemos. O positivismo racional, que gera e cria nossa segurança na objetividade científica, acaba por estar recheado de subjetividade escondida atrás de parafusos e porcas que, por serem dificilmente questionáveis (onde estão o médico, o fonoaudiólogo ou psicólogo engenheiros?), passam a ser dogmas absolutistas.

Resumo

A dificuldade em descrever fenômenos humanos visíveis ou não levanta a questão de nossa capacidade em quantificar atividades relativas ao curso fisiológico da vida. A busca de objetividade a todo custo dissipa uma questão maior que compreende a representação do real em resultados numéricos. Este texto procura transitar pela figura da subjetividade na elaboração e auferição de sinais biológicos e seu impacto sobre o nosso entendimento da realidade.

Palavras-chave: *subjetividade, instrumentação, diagnóstico.*

Abstract

The inherent difficulty to describe human phenomena, being them visible or not, raises the question of our ability to quantify activities related to the physiological flow of life. The search for objectivity at all costs dissipates a much greater question that involves the representation of reality in numerical results. This text focuses on the figure of subjectivity in the elaboration and measurement of biological signals and its impact over our understanding of reality.

Key-words: *subjectivity, instrumentation, diagnosis.*

Resumen

La dificultad en describir los fenómenos, visibles o no, levanta la cuestión de nuestra capacidad de cuantificar actividades relativas al curso fisiológico de la vida. La obstinación en la búsqueda de objetividad disipa una cuestión mayor que comprende la representación de lo real en resultados numéricos. Este texto focaliza la subjetividad en la elaboración y mensuración de señales biológicas y su impacto sobre nuestro entendimiento de la realidad.

Palabras claves: *subjetividad, instrumentación, diagnóstico.*

Referências bibliográficas

- DAMAZIO, A. (1999). *The feeling of what happens*. Nova York, Verlag.
- DUPUY, J. (1994). *Na origem das ciências cognitivas*. São Paulo, Unesp.
- JUPIASSU, H. (1999). *A paixão da ciência*. São Paulo, Letras e Letras.
- HORGAN, J. (1998). *O fim das ciências*. São Paulo, Companhia das Letras.
- MORIN, E. (1987). *O método. A natureza da Natureza*. São Paulo, Publicações Europa-América.
- PRIGOGINE, Y. (1997). *A nova aliança*. Brasília, UnB.
- RUELLE, D. (1993). *O acaso e caos*. São Paulo, Unesp.
- SERRES, M. (1995). *A lenda dos anjos*. São Paulo, Aleph.
- FURREZ, G. (1994). *A construção das ciências*. São Paulo, Unesp.

Recebido em ago/00; aprovado em set/00